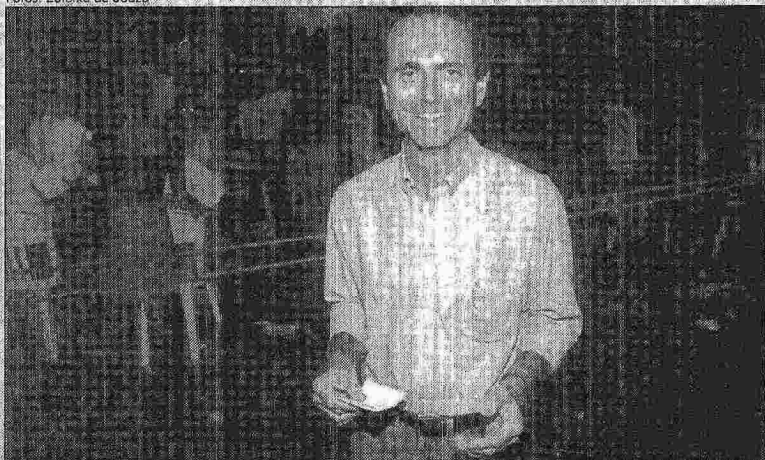


Fotos: Zuleika de Souza



Paulo Octávio não se conformou com a anulação de um voto seu

Clube vira palco de confusão

Luis Turiba

O ginásio do Minas Tênis Clube, onde foram apurados cerca de 120 mil votos das 300 urnas da 8ª Zona Eleitoral de Ceilândia, foi palco de uma verdadeira guerrilha eleitoral envolvendo apuradores, fiscais, juízes e candidatos.

"Vinte votos meus estavam sendo transferidos para o candidato Mauro Dantas, do PDT", denunciou o candidato ao Senado pelo PP, José Roberto Arruda.

"Só tem petista nessa mesa", gritava Fábio Simão, chefe de fiscalização do empresário Luiz Estevão. Numa das urnas, segundo ele, Estevão teve 102 votos contados numa urna, mas somente 98 foram computados.

"É natural que a maioria dos escrutinadores tenha simpatia pelo PT", reconheceu o deputado petista Eurípedes Camargo, candidato à reeleição. "São professores, advogados e funcionários públicos que adoram o Lula", resumiu.

Eurípedes concorda que há "pequenas fraudes" na apuração, o que carac-

teriza a chamada guerrilha eleitoral.

Sui generis — Mas o tempo esquentou mesmo na noite de quarta-feira, quando numa das mesas da 5ª Junta Eleitoral um voto do deputado Paulo Octávio foi anulado porque o eleitor escreveu um palavrão para distrital.

Alertado por um fiscal da Frente Progressista, Paulo Octávio, presente ao Minas Tênis Clube, partiu em defesa do seu voto, pedindo revisão da anulação ao juiz Luis Gustavo.

"Nada disso", replicou o juiz eleitoral. "A mesa agiu corretamente ao anular o voto por causa do palavrão". O deputado Paulo Octávio ficou indignado e pulou as cordas que protegem a mesa apuradora.

"Tem que anular só o voto para distrital", explicava ele, aflito. Dois juízes defenderam a validade do voto para Paulo Octávio. No calor da polêmica, o advogado Roberto Giofoni, do PRN, chegou a argumentar que o palavrão se escrevia com "x" e não com "ch".

De nada adiantou a discussão, pois a mesa acatou a proposta da secretária Maria Abadia, professora